



MOTIVAÇÕES E VALORES NA SOCIEDADE DE HOJE

Maria de Lourdes Pintasilgo
Semana de Estudos Teológicos
Universidade Católica de Lisboa
14 de Fevereiro de 1990

INTRODUÇÃO

analisaram a questão da sobre vivência do planeta.

Acabo de regressar de uma reunião de ~~homens~~ políticos e de peritos que, à volta da mesa, olharam para a sociedade tal como ela é e ~~deixaram~~ *deixaram* que a população ~~do mundo~~ *se curesse ao ritmo actual*, não pode ser alimentada, a não ser que se destruam os sistemas de vida (na atmosfera, na água, no solo) que, por seu turno, são condição da vida humana futura no planeta.

Fundação Cuidar o Futuro

Ingleses, americanos, russos, polacos, chineses, suecos, reconheceram que o princípio de mercado, hoje posto como ídolo, *conseguiu até agora* não pode incluir a qualidade de vida como objectivo, *no entanto,* *o mercado* o que pode fazer é introduzir a qualidade e quantidade dos recursos naturais como valores a ter em conta, e, por isso,

...|...

Joseph ~~Muffin~~ *Muffin*, "Théorie de la Motivation Humaine", PUF, 1980

verifica no meu esboço



internalizar nas operações que constituem o mercado, as externalidades que ~~formam o ambiente~~. *constituem um ambiente*
ção.

Em certo momento da discussão, um investigador de ciências sociais e políticas do Bangladesh contou-nos um episódio do seu trabalho de campo. Conversando com um homem considerado "rico", isto é, com um par de sandálias, dois fatos para mudar e um pouco de terra na embocadura dos rios que confluem para o Índico, falou-lhe longamente do "efeito de estufa", devido à emissão de gases vindos dos combustíveis fósseis, do aumento ^{consequente} da temperatura do clima global do mundo, e mostrou-lhe que em tais circunstâncias, a terra que o homem rico comprara seria das primeiras a desaparecer debaixo das águas. E o homem só lhe respondeu: "Porquê eu?" } Que nos diz este homem? }

Nunca como hoje a interdependência entre a pessoa e a sociedade atingira um tal grau de simbiose.

Fundação Cuidar o Futuro

Nunca, como hoje, essa interdependência fora experimentada à escala do planeta com tal acuidade.

por + longe q estejam dos centros de decisão

Os homens, o seu modo de vida, a sua organização social, as técnicas que utilizam, os recursos presentes em tudo o que chamamos "a terra", formam um sistema planetário.

É nesse quadro, inédito na história humana, que ^{vou} devo-
^{esta} colocar a reflexão, desta noite.



I. SUJEITO E SOCIEDADE

1. A humanidade ~~que~~ é parte deste sistema planetário ^vé, neste contexto, uma "camada", chamemos-lhe assim, que, tendo as suas leis próprias, não deixa de estar em interacção permanente com as outras camadas, desde os recursos do fundo do mar à biosfera ou à atmosfera. Foi a essa camada que Teilhard de Chardin chamou a noxosfera.

Reconhecemo-la
~~Percebemo-la~~ em unidades territoriais definidas e vemo-la, como toda a matéria viva, constituída por elementos autónomos e solidários entre si.

Que essas unidades territoriais constituem na maior parte dos casos Estados-nações, percebemo-lo bem. Mas factos recentes mostram-nos claramente que vínculos de cultura, história, tradição, religião, constituem unidades não menos importantes. *do q o Estado-nação.*

Não está em causa aqui como se organizam essas unidades territoriais ou culturais. O que está em causa é que, ao considerá-las, consideramos ao mesmo tempo, e pelo mesmo movimento, as pessoas individuais que as formam.

2. O que é importante é o processo de "circularidade", como lhe chama Morin, "onde os indivíduos e as sociedades se coproduzem".

Certo, as pessoas individuais são afectadas pela sociedade, dependem dela; em certo sentido, são "emanações" dela, mas, ao colocarem-se na história como sujeitos, geram-na.

É que a sociedade não pode definir-se de modo unidi-
mensional, isto é, exclusivamente a partir do seu regime po-
lítico, ou do seu grau de desenvolvimento económico, ou da
sua contribuição para as artes, ou da sua tradição oral.
Não acabamos de o constatar nos países da Europa de Leste?
É porque a sociedade é multidimensional que os novos laços
surgidos permitem descobrir aquilo que hoje chamamos "a cultura
da outra Europa". (x)



3. Mais do que em qualquer outro domínio, a observação da
sociedade veicula o modo como o indivíduo se vê a si mesmo e
como vê o mundo. Mas é certo também que essa visão de si
próprio terá sido moldada, na sua estrutura fundamental, pelos
laços e valores presentes na sociedade onde se forjou a história
pessoal do sujeito.

A sua autonomia, o seu auto-desenvolvimento, numa pala-
vra, o seu ser pessoa, responsável, livre, solidária, feliz,
é em grande parte fruto dessa sociedade e da sua organização.
(o caso apresentado ontem na TV da pequena Lilitiana é exemplar:
com a carinha totalmente desfigurada por queimaduras, mal bal-
bucia o que quer dizer na língua portuguesa, tendo vivido até
aos 8 anos sem carinho e sem lar fixo; fala explicitamente e
claramente em sueco, que só conhece desde há uns meses, num

...|...

contexto onde é acarinhada).



De igual modo, a visão que o sujeito tem do mundo é-lhe, em grande parte, veiculada pela sociedade. Até que o seu próprio universo de representações, a sua reflexão sobre a experiência o levam à sua específica, única visão do mundo. É na verbalização dessa visão que o sujeito contribui, da forma mais profunda, para a transformação da sociedade.

4. A sociedade estática, susceptível de ser descrita como o fez Margaret Mead com a Samoa nos anos 20, não é hoje senão uma abstracção, uma fotografia, uma imagem retida de um instante.

A sociedade é um organismo vivo, um sistema em que se combinam e confrontam múltiplos sub-sistemas. Só dela podemos perceber, como da entropia, os "diferenciais". Por isso, nos vem tantas vezes ao espírito a comparação com outros momentos: "dantes" era desta maneira ou daquela maneira ..., porque sentimos a variação.

Parte da sociedade, a pessoa capta essas variações de forma "porosa" em muitos aspectos, de forma crítica e consciente no que a constitui em sujeito singular.



A sua intervenção na sociedade é decisiva nas "junturas" ou nas "bifurcações". Prigogine mostrou claramente que basta um pequeno fenómeno para gerar uma impulsão num sistema em momento de bifurcação.

A intervenção da pessoa na sociedade é, antes de mais, a atenção às correntes que trabalham a sociedade para introduzir, no momento da juntura, o elemento que vai substituir "o acaso" pela decisão humana.

5. A relação pessoa/sociedade para que estou a apontar é a que desloca a carga voluntarista de motivações e valores a agirem de fora sobre a sociedade para uma perspectiva inter-nalizada de sistema, onde tudo tem a ver com tudo e onde se processam acções e retroacções que se reflectem sobre cada pessoa e ao mesmo tempo são provocadas por ela.

Motivações e valores serão assim e simultaneamente o resultado de condições sociais anteriores ao próprio processo psicológico de individuação e expressão da mais radical diferenciação que separa cada indivíduo de outro indivíduo na sua história e no seu programas únicos.



II. SOCIEDADE DA COMPLEXIDADE

Falei de sistema. O que significa que me coloquei numa perspectiva de complexidade. E é na percepção desse novo dado que a variação da sociedade aparece mais evidente.

1. Cruzam-se hoje no mundo problemas de uma magnitude tal que todos "transbordam", por assim dizer, do seu domínio próprio para invadir outros domínios. E as contradições aparecem insolúveis. (Caso das 200 centrais térmicas na China, indispensáveis para o seu desenvolvimento e para uma vida melhor para os chineses - consequência inevitável no clima e no nível das águas nas duas primeiras décadas do século XXI).

Fundação Cuidar o Futuro

Por isso, as noções de instabilidade, turbulência, incerteza, atravessam todo o discurso sobre o "estado das sociedades". (Numa alocução sobre esta situação, o Primeiro-Ministro Rocard dizia que a única coisa possível era usar "instrumentos de pilotagem", referindo-se, naturalmente à acção governativa.)

As palavras usadas podem fazer supor que se trata de zonas de confusão. Não - o que quero dizer é que existem probabilidades idênticas quanto aos caminhos a seguir mas não existe segurança absoluta quanto ao melhor caminho.

Mas ~~Essa~~ sobreposição de fenómenos contraditórios provoca insegurança e medo. Daí, sem dúvida, os mecanismos redutores e simplificadores da existência, actuando a todos os níveis.



A meu ver, aí têm a sua motivação inconsciente os integristas religiosos. Os valores para que apontam não pertencem a este tempo: são arcaicos e transformam por isso as pessoas em exilados no seu próprio tempo.

1a 2. O tempo tornou-se tangível, percebemos que é uma dimensão idêntica à do espaço. Não é o tempo sobrecarregado da época industrial.

É que hoje a aceleração da história e o carácter instantâneo da informação conduzem-nos ao hiper consumo de acontecimentos. Vistos pela câmara de TV os fenómenos são transparentes. Mas a sua imagem é imediatamente ultrapassada pela orientação dos media ao factual, descontínuo, singular. Deixam de se suceder linearmente na representação mental que deles temos; ficam a constituir o "ruído de fundo" da nossa própria capacidade de apreensão.

Uma nova dignidade do humano é requerida por esse "ruído".

Enquanto as máquinas artificiais não podem tolerar o ruído e o erro que são resultados da desordem causada pela degradação de alguma das suas partes, já não acontece o mesmo com os sistemas vivos: "quanto mais complexos são mais toleram a desordem em si e nos seus comportamentos. (*)



A sociedade, sendo cada vez mais complexa, comporta cada vez mais desordem.

Fundação Cuidar o Futuro

Viver enquanto pessoa exige "reconhecer a desordem multiforme da organização social". (*)

Motivações diversas nascem dessa situação. A evasão face à desordem no uso de auscultadores de música personalizados; a paralisia na acção, eliminado o confronto com essa desordem; a hiper-valorização das profissões de gestão, como se a organização das pequenas células empresariais destruísse a desordem da organização social; o recurso aos processos de des-construção no sonho de uma nova forma de dominar essa desordem. (**)

(*) Morin

(**) Pierre Rey, "Une saison avec Lacan".

A cultura global emergente na sociedade e capaz de integrar o "ruído" precisa de recolher a informação e de conhecer a verdade sobre a informação.

Vai tocar esta questão na capacidade cognitiva e no seu desenvolvimento. Tender-se-á cada vez mais para uma aprendizagem co-extensiva a toda a vida e a todas as actividades. A motivação pode ser de início um simples mecanismo de defesa ao nível da sobrevivência mental para se tornar uma necessidade de saber e de conhecer a informação e a sua verdade.



3. Dado que grande parte da "desordem" vem da mediatização técnica de todos os actos sociais, mesmo os mais simples, a capacidade de funcionar num registo técnico aparece como um valor.

Daí, possivelmente, a linguagem codificada de todos os que trabalham com o computador. Mas o computador dá acesso à resolução da "desordem". A sua linguagem é destituída de toda a ambiguidade. (Todos nós temos a experiência de noites de trabalho a irritarmo-nos com o computador por aquilo que nos aparece como a sua "teimosia" e que é, afinal, o seu modo próprio de funcionamento).



No entanto, para o ser humano a ambiguidade é um dado fundamental do seu funcionamento. Ambiguidade nas soluções, na linguagem, sinal de que o ser humano se situa na complexidade e que, como diz Clarice Lispector, "o que parece falta de sentido - é o sentido". Todo momento de falta de sentido "é exactamente a assustadora certeza de que ali há o sentido, e que não somente eu não alcanço, como não quero, porque não tenho garantias."

Assim ficam ditos a um tempo as motivações e os valores, no quadro do registo técnico. Motivações para ir além da técnica, valores de conhecimento próprio, de lucidez que mais não é do que a delimitação do campo dos possíveis.

Fundação Cuidar o Futuro

4. A globalização dos acontecimentos, as interdependências culturais, económicas, sociais e políticas, bem como o policentrismo dos fenómenos sociais, estão diante dos nossos olhos. (Roménia, Hungria, as 2 Alemanhas, a União Soviética, a África do Sul ...). Em cada um dos casos vêm à superfície elementos e fenómenos societais que mostram a extrema simplificação com que havíamos abordado o "mundo comunista" ou o "regime de apartheid".

Julgava-se que as sociedades funcionavam à base de núcleos duros; desfeitos esses núcleos, verificamos que é ao

nível das membranas periféricas que o movimento ganha expressão. É uma sociedade de interfaces. É aí que reside a sua originalidade e não nos núcleos duros. (*)

O que quero dizer? Para muitos, comunismo é simplesmente substituído por capitalismo; apartheid é substituído por uma pessoa/um voto.

Se ficar de fora neste processo tudo o que contribui para a vibração do sistema entramos de novo num sistema de rigidificação. Ora, a sociedade contemporânea *há* sua complexidade é uma mistura radical de todas as funções, de todos os problemas e de todos os actores.

Fundação Cuidar o Futuro

Tudo o que está vivo como sub-sistema deve ser parte da nova construção.

5. Não temos respostas, é certo. Já não há nenhum manual a dar receitas doutrinárias. Mas é uma ocasião única para o homem participar no acto criador de Deus. Pensar, inventar, imaginar, inovar ...



...|...

(*) André Danzin

Confrontam-se, porém, aqui, motivações diferentes:

- motivações de "repetição" do que outros já fizeram ... e a essas motivações vale a pena lembrar as palavras fortíssimas de Joao Paulo II na sua mensagem de 1 de Janeiro, dirigindo-se aos países em desenvolvimento: "esses países não são moralmente livres de repetir os erros que outros fizeram" - ~~Hammaarskjold~~;
- motivações de "inovação" introduzindo novas matrizes de funcionamento ... essas motivações são indispensáveis à evolução da sociedade, presentes em todos os criadores reconhecidos como ^{tal} e presentes também em todos os que, na modéstia ou no anonimato da sua acção, procuram soluções novas.



Fundação Cuidar o Futuro

Essa inovação trabalha com os sub-sistemas existentes e transforma as suas inter-relações. Morin di-lo com clareza: "É preciso pensar em conjunto a ordem repetitivamente reprodutora e o movimento transformador/inovador onde aquilo que evolui é o próprio sistema de reprodução ... Ao transformar-se, o sistema de reprodução faz variar os invariantes". (*)

Neste confronto joga-se o presente e o futuro. É no apelo à imaginação que reside uma das dificuldades actuais. Porque a dimensão e as componentes dos problemas são inéditos na história da humanidade. Daí a sensação de crise, vivida como stress psicológico ao nível individual, como perturbação e

(*) Morin

conflito ao nível social. Mas, como o acentua Donald Michael, membro do Club de Roma, "temos razões para acreditar que a capacidade humana para aprender é imensa e virgem, e inclui/não só a aptidão a receber informações, mas a aprender sobre ela, e a aprender sobre aprender". (*)



III. OS MECANISMOS DAS MOTIVAÇÕES

1. É ainda como sistema englobando a sociedade e os indivíduos que podemos falar dos mecanismos das motivações.

e no III indivíduos

Assim, coexistem na sociedade motivações de sinal contrário a todos os níveis:

2
- motivações originadas na ordem dominante (no núcleo duro) e motivações originadas nas minorias, em constante conflito e só capazes de convergirem no momento em que ^{um} o eco-sistema mais amplo constitui uma ameaça (movimento dos verdes - *movi/pacifista vs. NATO + Dançóuz Refo 7 0/00phn* ecologia como parte do programa de todos os partidos);

- motivações determinadas pela pura sobrevivência ao nível das necessidades básicas dos indivíduos e, ao lado, na mesma cidade, motivações de puro jogo de que, entre outros, são exemplo os colecionadores de arte;

7
- motivações nacionalistas ^{ou} de regionalidades, de rivalidade, de exclusão, de dissociação e, ao mesmo tempo, motivações pla-

(*) Donald Michael

As motivações não são um puro determinismo: ^{psíquico} ~~psíquico~~
de ^{exigência} liberdade. Cada indiv. está constante/ o processo
de adaptação às circunstâncias; as oportunidades, as
aproveitadas quer. \bar{p} se defender das limitações quer
 \bar{p} alargar os seus graus de liberdade. Presso num
jogo de actores (\bar{q} é multiplicado e se joga cf diversas
variáveis) tem de seguir as "manobras" do jogo; calcula,
manipula, ^{influencia, tenta exercer o poder,} ~~decide~~, decide. O jogo é, por seu turno,
fruto do comporta/ dos outros actores e do
ambiente ~~em~~ (\bar{q} das circunstâncias) em \bar{p}
tem lugar.

A estratégia não é 1 plano. Fruto de
factores racionais e afectivos, do domínio
do consciente e do inconsciente, a estratégia
do actor, mesmo do aparente + decidido,
é contingente, arbitrário, errática. Pelo
cambinho med de direcção e de objecto,
rejeita o \bar{q} antes ^{procurado} procura o
 \bar{q} há pouco a \bar{p} rejeitara; transforma os
meios em fins e é capaz de anular os fins.
No entanto, tem spr. um sentido ~~na medida~~
~~em \bar{q} é visto \bar{p} \bar{q} é pouco.~~ (A loucura
é a incapacidade de \bar{q} se desvenda no carácter
repetitivo dos mecanismos \bar{p} a conduzem.
A estratégia de cada indivíduo está prof. \bar{p}
ligada, na sua explicação racional, às condições
d' sociedade (ou do seu sub-sistema) e \bar{p}
se manifesta.

netárias, de ajuda, de cooperação, de integração;

- motivações finalizadas nascidas da necessidade precisa, com objectivo claro e inconsciente estratégia sem hesitações e, ao mesmo tempo, motivações fluidas, sem objectivo claro, abrangentes, de estratégias múltiplas ao nível inconsciente;

- motivações com plena consciência dos limites e visando o possível num jogo entre o cognitivo e ^{por outra lado} o desejo e motivações de ilimitados contornos a traduzir-se no cada vez mais, mais depressa e mais longe.

Estes contrários não se anulam entre si; em alguns casos a antinomia deslocar-se-á para outros domínios mas a diferença é intrínseca ao sistema complexo.

Fundação Cuidar o Futuro



Tal como no universo físico, também na sociedade o equilíbrio resulta dessas forças de sinal contrário.

O sujeito não está indefinidamente ligado a um dos termos. O próprio da sua liberdade é responder ao determinismo do sistema de uma maneira que a complexidade vê como aleatória. (*)

...|...

(*) Morin



O mesmo se pode dizer da sociedade como um todo em relação ao eco-sistema em que se integra.

2. Numa racionalidade linear, as motivações nasceriam das necessidades, transformar-se-iam em desejos e seriam "julgadas" pelos valores ^{no interior do indivíduo} antes de se transformarem em acto. _{abstracto}

em q me coloco,
Numa perspectiva ~~como a desta noite~~, podemos dizer que a relação ecológica, isto é, a relação com o eco-sistema, depende do grau de complexidade do sistema - indivíduo ou sociedade. Quanto mais autónimo, tanto mais complexo. É por isso, paradoxalmente, tanto mais dependente da multiplicidade das ligações ^{entre} quanto a sua própria complexidade deve estabelecer com o eco-sistema. Os valores então exprimem-se a partir de "dentro": a autonomia do sistema é a equação pessoal ou societal que cada sistema faz dos seus próprios valores. É assim para a sociedade como o é para a pessoa individual. O processo de auto-desenvolvimento é a longa e interminável maturação desse jogo de valores que actua nas motivações como um campo magnético: fornece-lhes direcção, sentido e forma.

Não se trata, porém, nesta perspectiva, de uma combinação de valores imutáveis na sua expressão. O que caracteriza a pessoa humana é a sua permanente insaciedade: tudo o que

"aprende" entra no processo dinâmico da sua formação e da sua visão do mundo. Alguns valores alargam-se, ganham novos contornos, manifestam-se, enquanto outros aparecem como subordinados ou como simples evidências.

Temos um exemplo claro no tema destes dias, ecoando o que o Papa indicou como tarefa prioritária na sua mensagem de 1 de Janeiro: "a necessidade moral urgente de definir uma nova solidariedade". (Tão clara é essa urgência que no documento final da reunião de que falei no início citei explicitamente essa expressão do Papa: quando fomos discutir o documento, quem o reforçou? um investigador da China, que insistiu em que se devia dizer, como conclusão, que é preciso uma nova ética!).

Fundação Cuidar o Futuro

① 3. Duas fontes contribuem para a definição das motivações. Uma tem a sua raiz no processo de auto-desenvolvimento da pessoa.

Outra tem como ponto de partida os vários níveis de identidade cultural da sociedade.

Os dois processos inter-actúan num movimento incessante dentro do sistema e são, por seu turno, intensificados ou



reduzidos pelo eco-sistema mais amplo.

No indivíduo, as motivações exprimem a sua relação com a sociedade. A sociedade fornece-lhe inúmeros estímulos a todos os níveis da sua percepção. O seu universo psíquico fornece-lhe a energia que desemboca numa motivação explícita e consentida, face aos estímulos e mesmo na ausência deles.

Neste caso, o inconsciente é responsável quase totalmente pela motivação. Sentida como necessidade - objectiva ou meramente subjectiva - a motivação elabora objectivos para os quais "constrói" um plano. É a estratégia da motivação. No indivíduo em contacto com o real a motivação dá origem ao projecto de acção.



Assim, a nova moral de solidariedade, se é, por um lado, uma nova procura de ordem conceptual, é também, por outro lado, um novo estímulo vindo da situação do mundo neste fim de século.

Na fase de reelaboração e de incerteza em que se encontra a sociedade, cresce a anti-motivação, isto é, no limite, o corte com a sociedade e com o real. É o momento de "dar conta

da razão ^{da esperança} que habita em nós".

IV. PARADIGMAS FUNDAMENTAIS, MOTIVAÇÕES E VALORES

1. As motivações e os valores estão profundamente ligados aos paradigmas e mitos primordiais (*) que trabalham a sociedade por dentro.

Os mitos primordiais fornecem a "história que nos é contada" por heróis, tragédias, situações exemplares. Constituem o sedimento cultural dos momentos passados da sociedade. Têm um valor simbólico que afecta todas as representações do real. Apresentam versões diferentes quando são transmitidos pela tradição oral ou quando são veiculados pela cultura erudita.

Os paradigmas e os mitos não geram valores. Mas há neles situações normativas, como analogias, histórias exemplares, e que acabam por constituir os alicerces mais fortes da identidade ética da pessoa.



...|...



Os paradigmas são a força motora, resultante de crenças, ideais, que projectam a sociedade no futuro. Articulam-se como quadro de referência para as motivações.

2. Num caldeamento sempre original, mitos e paradigmas geram ideologias. São sistemas de pensamento e de causalidade profundamente condicionadas pela época em que são geradas.

Ràpidamente cristalizam em valores que variarão, assim, segundo a época.

Fundação Cuidar o Futuro

Pelo contrário, as motivações terão um carácter muito mais definitivo. Nascidas das ideologias tendem a ser fechadas e dogmáticas.

As ideologias, geradas como são pela racionalidade, não comportam valores simbólicos. O enxerto do transcendente nas ideologias é sempre uma operação ineficaz. (O que explica que o Cristianismo, quando reduzido a uma ideologia, perca toda a sua força de anúncio do Evangelho).



3. Ao mesmo tempo, as ideologias, ao atravessarem o corpo social, transformam-se em normas e convenções sociais. As convenções sociais substituem-se com frequência às motivações. As normas são tomadas como valores.

Há, assim, um caminho a percorrer para podermos aproximarmo-nos de uma fonte legítima de motivações e da raiz ética dos valores.

V. PARA UMA NOVA ÉTICA DE SOLIDARIEDADE

Fundação Cuidar o Futuro

Chegada a este ponto, retomo a noção de sociedade como sistema.



Por um lado, a civilização do imaterial é acompanhada não só por uma complexidade totalmente nova como por um acréscimo de consciência no próprio sistema. A tal ponto que poderíamos pensar que estamos gerando o tempo do Espírito.

Mas, por outro lado, a desmaterialização das ocupações não vai ainda de par com um redobrado sentido de ética e de espiritualidade.

Ora é aí que novas motivações e novos valores podem nascer pela operação do Espírito.

Limitar-me-ei a indicar duas vias.

Uma é a consciência da nossa ignorância, da nossa incapacidade de "controlar" os acontecimentos, da nossa responsabilidade na destruição do planeta e perante as futuras gerações.

Face à complexidade do mundo de hoje, ninguém pode pretender tudo conhecer, tudo prever, nunca errar.

Fundação Cuidar o Futuro



A aprendizagem que nos é pedida é a de viver com a incerteza e de sermos capazes de ^{de}partilhar com outros. (*)

Uma nova competência tornou-se vital: a de refazer constantemente uma visão do mundo na sua complexidade e na sua interdependência a todos os níveis.

Aproximamo-nos assim da pobreza, da humildade das bem-aventuranças.

...|...

(*) DM



Este sentido de vulnerabilidade abre-nos ao que me parece ser uma outra via neste fim de século: a capacidade de olhar o mundo com compaixão. (*) Em vez de apelarmos para o controle dos acontecimentos pela vontade, descobriremos que o que nos cabe é o cuidado de uns pelos outros.

E retomarmos assim o caminho da Sabedoria de quem Salomão diz:

"Nela reside um espírito inteligente, santo,
único, múltiplo, subtil,
ágil, penetrante, sem mancha,
claro, impassível, amigo do bem,
Fundação Cuida o Futuro
inquebrável, compassivo, amigo dos humanos,
constante, firme,
que pode tudo, cuida de tudo,
penetra todos os espíritos,
os inteligentes, os puros, os mais subtis.
Porque, mais do que o movimento, a Sabedoria é móvel;
atravessa e penetra tudo graças à sua limpidez."

Sab. 7, 22-24

(*) DM text I